



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**OS JAPONESES SEGUNDO A PERSPECTIVA EUROPEIA: UMA
ANÁLISE DAS CORRESPONDÊNCIAS JESUÍTICAS (1563-1571)***

Michele Aparecida Evangelista**

O intuito deste artigo é avaliar o modo como os japoneses e o seu universo sociocultural foram abordados na epistolografia dos missionários da Companhia de Jesus no século XVI. Para tal, a análise centra-se nas missivas do jesuíta Luís Fróis (1532-1597) escritas no período de 1563 a 1571 e que foram reunidas na edição intitulada *Cartas que os padres e irmãos da Companhia de Jesus escreverão dos Reynos de Iapão & China aos da mesma Companhia da Índia, & Europa, dès do anno de 1549 até o de 1580*¹ e publicada em 1598. Por meio desta reflexão almeja-se contribuir para o avanço dos estudos sobre as relações luso-nipônicas no século XVI e a proposição de novas problemáticas sobre a Missão Jesuíta no Japão.

A entrada dos portugueses na Ásia a partir da segunda metade do século XVI representou uma nova fase na era dos Descobrimentos portugueses e trouxe à lume uma

* Este trabalho apresenta alguns dos resultados da Monografia de conclusão do curso de Bacharelado em História pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) intitulada: “*Polidos e belicosos: notas sobre o encontro intercultural luso-japonês nas cartas de Luís Fróis (1563-1571)*” orientada pelo prof. Dr. Fábio Adriano Hering e defendida em 2013

** Graduada em História pela Universidade Federal de Viçosa (UFV)

¹ [Companhia de Jesus]. *Cartas que os padres e irmãos da Companhia de Jesus que andão nos Reynos de Iapão ascreuerão aos da mesma Companhia da Índia e Europa des do anno de 1549 até o de 1580*: primeiro tomo... Impressas por mandado do... Senhor dom Theotonio de Bragança, arcebispo d'Euora... - Em Euora: por Manoel de Lyra, 1598. - 2 v. em um t. ([2], 481, 267). Ao longo deste artigo referimos a esta obra por meio da abreviatura CE.

imensa diversidade sociocultural até então desconhecidos, o que impulsionou a produção de obras centradas nas notícias trazidas pelos aventureiros do além-mar. Como salienta Luís Felipe Barreto, finalmente, “a geografia e a cartografia, as línguas e os sistemas sociais, as religiões e as farmacopeias asiáticas, deixam de ser um vazio no quadro do saber europeu [...]”² Paralelamente, é nesse contexto que, sob a tutela do Padroado Português, se iniciam as missões religiosas e a expansão do Cristianismo nos territórios recém-descobertos.

Imbuídos de um espírito militante, os missionários da Companhia de Jesus – ordem religiosa fundada em 1540 por Inácio Loyola - deslocaram-se para diferentes partes do mundo, ainda tão pouco conhecidas pelos europeus, tendo em vista a difusão da fé cristã. A referida Ordem ocupou uma posição significativa no intercâmbio euroasiático e, de igual modo, na divulgação de saberes sobre distintas civilizações na Europa.

Os jesuítas chegaram ao Japão em 15 de agosto de 1549, alguns anos após o início dos contatos entre portugueses e japoneses. No entanto, muito diferente da realidade descrita pelos primeiros portugueses que por lá aportaram, os religiosos encontraram um país mergulhado em guerras civis – este período da história nipônica foi denominado *sengoku Jidai*³ (戦国時代). No entanto, ao contrário do que os europeus presumiam inicialmente, a missão não seria fácil de ser concretizada: além da situação política instável em que o país encontrava-se, desde os primeiros contatos com os japoneses, os religiosos se aperceberam diante de uma sociedade orgulhosa da sua própria civilização e nem um pouco disposta a modificarem os seus costumes e a se curvarem aos hábitos europeus. Tal percepção determinaria os rumos da missão naquelas partes da Ásia: com o intuito de favorecer a aproximação com os nipônicos e a ampliação do número de conversos na fé cristã, os religiosos procuraram conhecer a cultura nativa e optaram por uma estratégia de evangelização conforme os costumes locais denominada *modus acomodation*⁴.

² BARRETO, Luís Felipe. A Ásia na Cultura Portuguesa (c. 1485-c.1630). In: CUNHA, Mafalda Soares et al. *Os construtores do Oriente Português*. Porto: Edifício da Atlântidas: Comissão Nacional para Comemoração dos Descobrimentos Portugueses: Câmara Municipal do Porto, 1998. P.111.

³ Tradução literal: *o período da guerra entre os reinos*, 1467-1590.

⁴ Rie Arimura. Las misiones católicas en Japón (1549-1639): análisis de las fuentes y tendencias historiográficas. In: *Anales del Instituto de Investigaciones Estéticas*, vol. XXXIII, núm. 98, 2011, p. 57, Universidad Nacional Autónoma de México, México. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=36921103002>> Acesso em: 06-04-2013.

É importante salientar que, como salientam Maria Manso e Lúcio de Sousa, essa estratégia pautada na adaptação não significou um apreço em relação à cultura nipônica, mas sobretudo um mecanismo de sobrevivência: “as cedências ora tentavam anular/enfraquecer os princípios japoneses ora os missionários se encapotavam entre uma aparente miscigenação nipônica e cristã”.⁵

A troca de correspondências constituiu-se como um importante instrumento de comunicação entre os religiosos da Companhia de Jesus em territórios muito distantes do cerco lusitano. Tais missivas seguiam uma estrutura padronizada dividida em duas temáticas centrais: por um lado, obedecendo a função propagandística em relação à própria instituição, contemplam o cotidiano dos religiosos e as atividades missionárias e enfatizam o sucesso da missão; por outro, a partir de uma abordagem mais informativa, apresentam descrições detalhadas sobre o Japão e seus habitantes tais quais o clima, a fauna, a arquitetura e ainda o vestuário, a língua, as regras de comportamento, a organização social e as práticas religiosas dos nativos⁶.

Juntamente com a edição e publicação dessas missivas, os religiosos foram os responsáveis pela divulgação de diversas outras obras que contribuíram para que o Japão se tornasse conhecido na Europa, enquanto muitos de seus escritos foram publicados no território nipônico, o que permitiu aos japoneses o contato com o universo cultural europeu. Citamos como exemplos, os impressos em português, latim e japonês: *De Institutioni Gramatica* (Amakusa, 1594), o *Dictionarivm Latino-Lusitanicvm AC Iaponicvm* (Amakusa, 1595) e *Arte Breve da Lingoa Iapoa* de João Rodrigues Tçuzzu, (Macau, 1620); escritos em japonês e impressos em caracteres japoneses: *Salvator Mundi* (Nagasaki, 1598), o dicionário *Racuyoxu* (Nagasaki, 1598), *Orashi no Hanyaku* (Nagasaki, 1600); escritos em japonês e impressos em latim: *Sanctos No Gosagveono Vchi Nvquigaqi* _ compilação dos Atos dos Apóstolos (Casuza, 1591), *Doctrina Christam* (Nagasaki, 1607), *Manuale ad Sacramenta Ecclesiae Ministranda* (Nagasaki, 1603-1604) de Luís Cerqueira; dentre muitos outros. Segundo Carlos Moura, as obras dos

⁵ MANSO, Maria de Deus e SOUSA, Lúcio de. Matizes jesuítas: O perfil do clero nativo japonês. In: *Perspectivas – Portuguese Journal of Political Science and International Relations*, N. ° 10, June 2013, p.120. Disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/9722/3/Revista_PERSPECTIVA_%2310_final.pdf> Acesso em: 10-03-2014

⁶ OLIVEIRA, Francisco Manuel de Paula Nogueira Roque de. *A construção do conhecimento europeu sobre a China, c. 1500 - c. 1630*. Impressos e manuscritos que revelaram o mundo chinês à Europa culta. Tese (Doutorado em Geografia Humana), Departamento de Geografia, Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2003.

jesuítas publicadas no Japão eram chamadas de *Kirishitan-ban* ou *Yasokai-ban* que significa “Imprensa da Missão Jesuíta”.⁷

O jesuíta Luís Fróis⁸ que atuou no Japão entre os anos de 1563 e 1597 foi um dos mais exímios escritores entre os religiosos da Companhia de Jesus. Para além das atividades missionárias de conversão dos japoneses à fé cristã que desenvolveu nas províncias de Miyako, Sakai, Bungo e Nagasaki, ele dedicou parte significativa de sua vida a escrever sobre o Japão e suas particularidades. A partir do ano de 1552, o jesuíta produziu um vasto número de prolixas missivas, muitas delas foram editadas pelos demais missionários e publicadas na Europa em coletâneas, o que o tornaram notório na época.⁹

Desde o início de suas atividades, Fróis compreendeu que para o sucesso da missão seria imperativo conhecer a língua, os costumes, leis e as religiões japoneses. Além de utilizar um vasto número de palavras japonesas, escritas em *romanji* (ローマ字)¹⁰, as suas missivas se destacam pela extensão e pelo rigor descritivo. Segundo o autor, suas percepções, embora ainda iniciais, tiveram como base a sua própria experiência e convívio com os nativos, e também obteve informações a partir das missivas de outros jesuítas.¹¹ Numa carta escrita em 1567, Fróis reforça o seu interesse em divulgar as novidades do Japão.

O Ano passado lhe escrevi irmão caríssimo desta cidade do Sakai uma carta difusa da qual poderia entender muitas particularidades destes Reinos de Japão, especialmente desta cidade do Sakai, que é a mais

⁷ MOURA, Carlos Francisco. *O Descobrimento do Japão pelos Portugueses 1543*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 1993. p.45-60.

⁸ Sobre Luís Fróis, Cf: COSTA, João Paulo Oliveira e. *Op.cit.*1998. p.776-777; COSTA, João Paulo Oliveira e. *Op.cit.* 1999. p.159; GARCIA, José Manuel. A obra de Luís Fróis. In: SENA, Isabel de. *História e antologia da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. p. 24-27; MOURA, Carlos Francisco. *Op.cit.* p.37-40; LEAL, Maria Luísa. Regresso e espaço residual: os quatro legados do Japão nos escritos de Luís Fróis, Duarte de Sande e no filme *Os olhos da Ásia* de João Mário Grillo. In: LABORINHO, Ana Paula & MEIRA, Maria Alzira Seixo (org.). *A vertigem do Oriente: modalidades discursivas no encontro de culturas*. Lisboa: Edições Cosmos; Macau: Instituto Português do Oriente, 1999. p.66; CIESLIK, Hubert S. Father Louis Frois: Historian of the Mission. In: *Early Missionaries in Japan*, 4, [1954?]. p.1-11. Disponível em: <<http://pweb.sophia.ac.jp/britto/xavier/cieslik/ciejmj04.pdf>> Acesso em: 24-01-2013. e LOUREIRO, Rui Manuel. A visão do outro nos escritos de Luís Fróis, SJ. In: *450 Anos de Relações Luso-Chinesas - 中葡關係四百五十年*. Trad. de Júlia Chu Pan. Macau: Instituto Cultural de Macau; Biblioteca Central de Macau; Arquivo Histórico de Macau, 1999. Disponível em: <<http://www.library.gov.mo/macreturn/DATA/PP145/index.htm>> Acesso em: 27-07-2013.

⁹ CIESLIK, Hubert S. *Op.cit.*

¹⁰ Tradução: “Alfabeto romano”. Transcrição dos fonemas japoneses para o alfabeto latino.

¹¹ FRÓIS, Luís. Sakai, 08 de Julho de 1567. Cf: *CE*. fl.242f.

populosa, e rica, e nobre, de todas, mas quanto o tempo vai mais descobrindo, tanto fica sendo mais inexausta sua narração, maxime acerca do que toca ao culto e veneração das seitas, e ao estudo de suas ciências e costumes da polícia humana, nas quais cousas todas eu estou até agora informe, e quase in puris naturalibus, por nos ser isto muito estranho e peregrino [...].¹²

A crítica documental, aponta dados interessantes sobre a sociedade nipônica quinhentista e trazem subsídios para a compreensão dos mecanismos de interpretação do *Outro* adotados pelos europeus perante as diferenças culturais.

Num primeiro momento, o olhar sobre o *Outro* foi marcado por um deslumbramento em relação ao novo, predominando, portanto, uma representação positiva acerca dos japoneses e de sua cultura, com exceção daqueles que se opunham ao Evangelho. A sociedade japonesa é apresentada como uma possível Cristandade promissora, sobretudo pelas “qualidades” de seus habitantes, que na sua concepção seriam detentores de valores exemplares, e portanto, seria “*capacíssima para receber a lei de Deus nosso Senhor*”. Os japoneses são descritos como discretos, polidos, “*naturalmente sujeitos à razão*”, mas também soberbos e orgulhosos de si. Na ótica do jesuíta, o caráter marcial dos japoneses bem como o apreço pelas armas se contrapõem à sua “*brandura boa e afabilidade*”¹³.

Outra característica enfatizada por Fróis foi a curiosidade dos japoneses diante das novidades trazidas pelos europeus e a troca de presentes constituiu-se como uma das estratégias utilizadas pelo religioso para se aproximar dos membros da elite nipônicas, como atesta uma missiva escrita em 6 de março de 1565 em Miyako.

E porque como digo foi minha chegada ao Miyako treze dias antes desta visitação, pareceu bem ao padre, e aos Cristãos, que fossemos ambos a um fidalgo Cristão que o serve, com que tomamos conselho, que eu por vir de novo lhe levasse algumas cousas novas da Índia, ou de Portugal, porque todos cá as estimam por serem de tão longe.¹⁴

Em nossa análise observamos que o discurso de Fróis visa convencer aos leitores do sucesso da missão jesuítica no Extremo-Oriente e de que o Japão atenderia tanto aos

¹² *Ibidem. loc.cit.*

¹³ “*De muito pouca idade começam os moços a trazer terçado, e adaga, e fô quando dormem os põem á cabeceira, e ainda que tem uma brandura boa e afabilidade, são naturalmente soberbos, mui belicosos, inclinados às armas*”. FRÓIS, Luís. Miyako, 20 de Fevereiro de 1565. Cf: *Ibidem.* fl.172f-172v

¹⁴ FRÓIS, Luís. Miyako, 6 de março de 1565. Cf: CE. fl. 178v.

interesses espirituais quanto aos de cariz econômico, o que agradaria tanto aos olhos da Igreja Católica quanto a Coroa portuguesa, as principais instituições envolvidas nas viagens ultramarinas e interessadas nos resultados da empreitada jesuítica.

A importância das regras de comportamento e a conduta refinada dos japoneses lhe despertaram o interesse. Segundo Fróis, o cuidado com a etiqueta seria tão acentuado “*que por leves descuidos cortam o fio da amizade*”.¹⁵ Segundo o jesuíta, à respeito das regras a serem seguidas durante os banquetes, “*para eles não cometerem erros entre gente nobre, há livros de cortesias, que estudam*”.¹⁶

Outro aspecto da civilização japonesa que lhe chamou a atenção foi o fato de “*em terras polidas, e onde há gente nobre, comumente homens e mulheres sabem ler, e escrever.*” Essa situação contrasta com a Europa, onde a escrita era majoritariamente reservada ao universo masculino, como ele explica em seu *Tratado (1585)*: “*Entre nós não é muito corrente saberem as mulheres escrever; nas honradas de Japão se tem por abatimento as que o não sabem fazer*”.¹⁷ Enfim, o jesuíta é enfático em sua descrição sobre os residentes de Miyako¹⁸, para ele, os japoneses:

[...] em sua policia, tratamento, e costumes, como o padre mestre Francisco dizia, fazem em muitas cousas tanta vantagem aos Espanhóis, que se não pode dizer, e se os Portugueses que cá vêm não tem ainda a maior opinião de Japão, he por[ue] não vem, nem convers[am] mais que com mercadores, e gente pouco polida, que mora ao longo da costa, que comparada com a deste Reino do Miyako, é mais ínfima que a Beira, em respeito da Corte, e assim se chama cá no Miyako gente do Mato.¹⁹

Naquela época, Miyako era a capital e o polo político-cultural japonês: era onde localizava-se o conjunto de construções que compõem o palácio imperial e os principais

¹⁵ FRÓIS, Luís. Miyako, 20 de Fevereiro de 1565. Cf: *Ibidem*. fl.172v.

¹⁶ *Ibidem*. fl.172v.

¹⁷ FRÓIS, Luís. Capítulo II: Do que toca às mulheres, e de suas pessoas e costumes. In: FRÓIS, Luís. *Tratado em que se contém muito sucinta e abreviadamente algumas contradições e diferenças de costumes entre a gente de Europa e (a d)esta província do Japão (...)*. In: SENA, Isabel de. *História e antologia da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. p. 63-68.

¹⁸ Capital que, no final do século XIX foi renomeada como Kyoto. Neste artigo, mantivemos a nomenclatura antiga por ser esta a que aparece na epistolografia.

¹⁹ FRÓIS, Luís. Miyako, 27 de Maio de 1565. Cf: *Ibidem*. fl.181v - 184v. Tais classificações assim como a comparação com os espanhóis já haviam sido apontadas numa carta do jesuíta Cosme de Torres escrita em 1551, ou seja, antes de Luís Fróis chegar ao Japão. A semelhança na descrição é notória, o que nos indica que Fróis procurou reforçar as impressões de alguns jesuítas que o antecederam. Cf: TORRES, Cosme de. Yamanguchi, 29 de Setembro de 1568. In: *Ibidem*. fl.17v.

centros administrativos do Japão, – o *dairi-dairi*²⁰, bem como era onde localizavam-se vários templos religiosos e centros de estudos japoneses. Luís Fróis permaneceu nesta cidade entre os anos de 1565 e 1576, e por lá regressou “momentaneamente em 1581, acompanhando Valignano na sua visita à região”²¹. Em várias de suas missivas, o jesuíta ressalta a importância da cidade como “*fonte das leis de Japão cabeça de todos os Reinos e corte, onde reside o Dairi, e o Cubocama [...]*”²² e a beleza de sua arquitetura.

No excerto transcrito a relação entre centro/cidade (“polidos”) como contraposição à relação entre beira/campo/periferia (“gente do mato”) é evidente. De acordo com Anthony Pagden, na ótica europeia, o comportamento e a organização social configuravam-se como parâmetros comparativos utilizados pelos europeus para classificar as culturas recém-descobertas como “civilizadas” ou “bárbaras” (“selvagem”). Nesse sentido, para os europeus, a noção de civilidade estaria diretamente atrelada a existência de cidades, instituições e códigos de conduta e linguagem (escrita) estabelecidos, enquanto o conceito de bárbaro definia-se pela ausência destes elementos e associados ao campo e considerados “uma ameaça permanente para a civilização que vivia nas cidades”.²³

Conforme a perspectiva de Pagden, o projeto de evangelização pressupunha também um projeto civilizador, ou seja, a conversão ao Cristianismo ia além da aceitação do Evangelho, pois também implicava uma mudança de vida profunda, e mais ainda, estar sujeito a novas regras e estilos de vida.²⁴ Portanto, na Missão europeia, as categorias

²⁰ Localizava-se ao norte da capital japonesa, Miyako (Kyoto), que havia sido edificada conforme o modelo arquitetônico da capital chinesa Chang-An. Cf: GONÇALVES, Ricardo Mário. *Considerações sobre o culto de Amida no Japão Medieval* (um exemplo de consciência histórica no Budismo japonês). Coleção Revista de História. São Paulo, 1975. p.51.

²¹ COSTA, João Paulo Oliveira e. *O Japão e o Cristianismo no século XVI: Ensaio de História Luso-Nipônicas*. Lisboa: Sociedade História da Independência de Portugal, 1999. p.54

²² FRÓIS, Luís. Sakai, 08 de Julho de 1567. Cf: CE. fl. 241^{2f}. No caso das missivas de Luís Fróis e de outros jesuítas, o termo *Cubocama* refere-se ao *Xogum* (da palavra japonesa *shôgun*, que significa “general” ou “generalíssimo” – o mais alto da hierarquia militar do Japão) enquanto o termo japonês *dairi* era empregado, no século XVI, para designar o Imperador. Ambos os títulos honoríficos correspondem às duas tradicionais estruturas de poder japonês: o Império e o *bakufu* (“governo da Tenda”).

²³ PAGDEN, Anthony. La imagen del bárbaro. In: *La caída del hombre: El indio americano y los orígenes de la etnología comparativa*. Trad. Belén Urrutia Domínguez. Madrid: Alianza Editorial, 1988. p.42 e 43.

²⁴ *Ibidem*. p.40 e 41.

religião e civilização encontram-se interligadas. Assim explica o historiador italiano Nicola Gasbarro:

Não por acaso as missões modernas não são apenas uma perspectiva teológica de “cristianização” do mundo, mas sobretudo um processo antropológico de “civilização”, que se relaciona com as diferenças culturais a partir de uma igualdade estrutural que constitui seu fundamento teórico e seu limite operacional.²⁵

Como o autor salienta, “a comparação de fato nasce das relações entre civilizações”. A complexidade sociocultural e religiosa das sociedades asiáticas obrigou os missionários a elaborar e reelaborar os códigos e referenciais de comunicação procurando compatibilidades simbólicas.²⁶ Nesse sentido, os jesuítas recorriam ao universo do *mesmo* para compreender o *Outro*, sendo a partir dessas generalizações simbólicas que as diferenças culturais eram equacionadas.

O discurso de Fróis revela essa perspectiva, a sociedade japonesa é avaliada a partir do modelo de civilização ocidental, e ao centrar no comportamento e nas regras sociais dos autóctones, os japoneses são apresentados de modo a exaltar as suas qualidades como possíveis bons cristãos.

Entretanto, o tom de deslumbre que caracteriza as suas descrições referentes a diversos aspectos da cultura japonesa se transforma em confronto de valores quando o assunto envolve a religião. Luís Fróis apresentou em suas epístolas, informações detalhadas sobre diversos aspectos da vivência religiosa dos japoneses, porém teve como referencial os valores cristãos originando incompreensões e equívocos.

Os japoneses que não aceitavam a fé cristã e se opuseram às atividades dos inicianos como o caso dos *bonzos* (monges budistas, considerados os principais adversários dos missionários europeus no Japão) e alguns dáimios, eram diretamente criticados pelo jesuíta. A caracterização do *bonzo* Nichijô Shônin é esclarecedora:

“Há um Bonzo nestes reinos quem os Cristãos por alcunha chamam Anticristo de Japão, ou Lúcifer encarnado: e os gentios discretos, enganador das gentes; é homem de baixa casta, pequeno de estatura, muito feio e desprezível, idiota, sem nenhuma letra nem inteligência das mesmas leis de Japão, do mais vivo, e sagacíssimo engenho que o

²⁵ GASBARRO, Nicola. Missões: a civilização cristã em ação. In: MONTERO, Paula. *Deus na aldeia: Missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006. p.75.

²⁶ *Ibidem*. p.70.

demônio para instrumento de imprimir sua malícia, podia achar. Muito solto, e livre no falar, um Demóstenes na eloquência de Japão.”²⁷

A perspectiva negativa era reiterada nos seus relatos sobre as crenças dos nativos concebidas pelo jesuíta como falsidades e idolatrias ao demônios. Em suas missivas, Fróis reforça o antagonismo entre os dogmas das religiões japonesas e do Cristianismo, que em sua concepção seriam comparadas às diferenças existentes entre o *quente* e o *frio*, a *virtude* e o *vício*²⁸.

Desde a sua origem o Cristianismo se auto afirmou como uma religião universal, o “verdadeiro culto do verdadeiro Deus”²⁹ e como tal deveria combater as falsidades do inimigo. O objetivo central que movia os inicianos da Missão no Japão – a expansão do Cristianismo – é o elemento comum em todas as missivas do iniciano.

Apesar das críticas, as epístolas de Luís Fróis apresentam informações importantes acerca da realidade cultural nipônica quinhentista, e demonstra a profundidade de suas percepções. Nas cartas analisadas, as suas riquíssimas descrições à respeito dos rituais ligados à morte e o seu universo simbólico, mais especificamente, a prática do suicídio entre os samurais e ascetas japoneses corroboram tal afirmação.

Na missiva, escrita em 20 de Fevereiro de 1565 o autor descreve pormenorizadamente um ritual religioso denominado “renascimento no paraíso pelo afogamento (*jusui ojo*)³⁰, ocorrido num reino chamado Hyú, quarenta léguas da província japonesa de Bungo. Segundo o autor, a prática desta forma de suicídio tinha como objetivo principal adiantarem o seu encontro com a divindade Amida. O jesuíta relata que após a cerimônia foi construída “*aos oito mártires do diabo*” um monumento em sua homenagem e que seria “*ordinariamente*” visitada pelos “*moradores daquele lugar*”³¹.

Conforme explica Maurice Pinguet, os japoneses acreditavam que esse ritual os possibilitaria a ascensão à Terra Pura através da invocação ao nome de Amida (*nembutsu*).³² Nas missivas de Fróis a reprovação ao suicídio religioso e a sua associação

²⁷ FRÓIS, Luís. Miyako, 01 de Junho de 1569. fl.262v.

²⁸ Cf: *Ibidem*. fl.263v.

²⁹ GASBARRO, Nicola. *Op.cit.* p.74.

³⁰ A palavra japonesa *ojo* significa “abandono da vida”. Cf: PINGUET, Maurice. *Op. cit.* p.438.

³¹ FRÓIS, Luís. Miyako, 20 de Fevereiro de 1565. In: *CE*. Fl.176v.

³² A realização da cerimônia se baseava nas lendas maaianistas que defendiam que o Fudaraku de Kanon (correspondente à Monte Potalaka, residência de Kanon, a “Deusa da Compaixão ou da Misericórdia)

com práticas que remetiam à adoração ao demônio é clara. Como foi aqui exposto, para Fróis, as crenças dos japoneses seriam apenas uma ilusão criada pelo Mal para enganar as pessoas e levá-las para o inferno enquanto os que efetuaram tais rituais são referenciados como os “*mártires do diabo*”.

No entanto, noutra missiva, escrita no mesmo ano, o jesuíta além de informar sobre determinadas práticas militares recorrentes durante as guerras entre os clãs sugere a possibilidade de uma outra leitura à respeito dos significados da prática do suicídio ritual. Nesse caso, trata-se do *seppuku* ou *haraquiri*³³, cerimonial suicida amplamente praticado nos contextos das guerras civis, no século XVI, sobretudo, pelos *bushi*³⁴ – a elite guerreira japonesa.

Conforme a perspectiva de Luís Fróis, “*é universal, e antiquíssimo costume de Japão, quando os senhores não podem resistir a seus inimigos, levarem das adagas, e cortarem a barriga a si mesmos, assim senhores, como criados*”.³⁵ Ao descrever a reação de um fidalgo que diante da derrota eminente cometeu o *seppuku*, o jesuíta explica que o mesmo o fez por crer que ficaria “*em desonra grande vivendo*”³⁶.

Enquanto no Japão, sobretudo nos séculos XV e XVI, a prática do suicídio era culturalmente valorizada e ritualizada, na Europa cristã, ao contrário, acabar com a própria vida sempre foi um ato censurado pela Igreja e concebido como uma manifestação de desobediência à Deus. Apesar desta constatação, não há, na narrativa froisiana qualquer crítica ou condenação imposta pelo Cristianismo ao ritual praticado pelos *samurais*³⁷.

“existia sob a forma de uma ilha no oceano, ao largo da península Kii”. Nesse sentido, segundo essas lendas, o mundo dos mortos localizava-se no fundo do mar. Cf: PINGUET, Maurice. *A Morte Voluntária no Japão*. Trad. de Regina Abujamra Machado. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. p.165. Sobre as divindades budista ver: CHAMAS, Fernando Carlos. *A escultura budista japonesa até o período Fujiwara (552-1185): A arte da Iluminação*. Dissertação (Mestrado em Cultura Japonesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. p.70-72.

³³ A expressão japonesa *seppuku* significa a “incisão do abdome” enquanto *harakiri* significa “ventre cortado”.

³⁴ Termo traduzido como “guerreiro” e refere-se aos membros da aristocracia guerreira japonesa. Segundo Maurice Pinguet, “a palavra *bushi* inclui uma conotação de nobreza” e é a expressão mais comumente usada no Japão em detrimento à palavra “*samurai*” cuja tradução possui o mesmo significado, mas que se popularizou principalmente no estrangeiro. Cf: PINGUET, Maurice. Op.cit. p.422.

³⁵ FRÓIS, Luís. Miyako, 19 de Junho de 1565. Cf: CE. fl.187f.

³⁶ *Ibidem* fl.187-fl.187v

³⁷ Assim como o termo *bushi*, a palavra japonesa *samurai* se refere à classe guerreira japonesa.

Portanto, a análise das missivas nos permitiu constatar que à despeito da valorização do suicídio ritual entre os japoneses, o jesuíta destaca-o como um ato que remete ao desapego à Vida em detrimento aos valores defendidos pela sociedade nipônica. Fróis distinguiu-o como um costume tradicional japonês e, ao mesmo tempo, uma estratégia militar, pela qual os guerreiros suicidavam com o objetivo de preservar a honra diante de uma derrota (*seppuku*) e como ritual ligado à crença na divindade budista Amida, em que os japoneses cometiam-no em busca do Paraíso. Diante dessas especificidades, o jesuíta tomou posições distintas conforme os valores a que o ato supremo se referia e condenou os suicídios religiosos em detrimento àqueles cuja motivação eram a defesa dos valores marciais.

Enfim, podemos concluir que embora o conhecimento sobre o *Outro* atendia a uma necessidade prática relacionada ao projeto de evangelização, a descrição pormenorizada de diversos aspectos da cultura japonesa apresentadas nas epístolas do de Luís Fróis elucidam o seu interesse etnográfico. Como advoga Rui Loureiro, Luís Fróis “não preocupa com a existência de hábitos e costumes distintos dos europeus desde que não entrem em confronto com a doutrina da Igreja Católica”³⁸.

Defender e propagar a fé cristã em todo o mundo era o objetivo primordial e o lema dos missionários da Companhia de Jesus. Embora a religião cristã tenha sido “um dos primeiros instrumentos europeus a inaugurar o diálogo e a troca cultural”³⁹, ao egerem categorias universalizantes a fim de reforçar a sua supremacia pelo mundo, dificultou, por parte de seus defensores, a aceitação das crenças e valores do *Outro*.

Por outro lado, a busca pelo conhecimento sobre a cultura nativa tendo em vista o aumento da *Messe do Senhor* pelos inicianos abriu as portas para o diálogo intercultural entre europeus e japoneses. A curiosidade desses religiosos diante do desconhecido, permitiu aos europeus usufruir de uma nova imagem sobre o mundo, ao mesmo tempo em que entravam em contato com distintas sociedades e realidades socioculturais. É indubitável a participação do jesuíta Luís Fróis nesse processo.

³⁸ LOUREIRO, Rui Manuel. *Op. Cit.* s/p

³⁹ COSTA, João Paulo Oliveira e. & LACERDA, Teresa. *Interculturalidade na Expansão Portuguesa: séculos XV-XVIII*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME), 2007.p.34.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Fonte primária:

[Companhia de Jesus]. Cartas que os padres e irmãos da Companhia de Iesus que andão nos Reynos de Iapão ascreuerão aos da mesma Companhia da India e Europa des do anno de 1549 até o de 1580: primeiro tomo... Impressas por mandado do... Senhor dom Theotónio de Bragança, arcebispo d'Euora... - Em Euora: por Manoel de Lyra, 1598. - 2 v. em um t. ([2], 481, 267).

- Fonte complementar:

FRÓIS, Luís. Tratado em que se contém muito sucinta e abreviadamente algumas contradições e diferenças de costumes entre a gente de Europa e (a d)esta província do Japão (...). In: SENA, Isabel de. História e antologia da Literatura Portuguesa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. p. 63-68.

- Fontes secundárias

ARIMURA, Rie. Las misiones católicas en Japón (1549-1639): análisis de las fuentes y tendencias historiográficas. In: Anales del Instituto de Investigaciones Estéticas, vol. XXXIII, núm. 98, 2011, Universidad Nacional Autónoma de México, México. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=36921103002>> Acesso em: 06-04-2013.

BARRETO, Luís Filipe. A Ásia na Cultura Portuguesa (c. 1485-c.1630). In: CUNHA, Mafalda Soares et al. Os construtores do Oriente Português. Porto: Edifício da Atlântidas: Comissão Nacional para Comemoração dos Descobrimentos Portugueses: Câmara Municipal do Porto, 1998.

CHAMAS, Fernando Carlos. A escultura budista japonesa até o período Fujiwara (552-1185): A arte da Iluminação. Dissertação (Mestrado em Cultura Japonesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CIESLIK, Hubert S. Father Louis Frois: Historian of the Mission. In: Early Missionaries in Japan, 4, [1954?]. p.1-11. Disponível em: <<http://pweb.sophia.ac.jp/britto/xavier/cieslik/ciejmj04.pdf>> Acesso em: 24-01-2013

COSTA, João Paulo Oliveira e. O Japão e o Cristianismo no século XVI: Ensaio de História Luso-Nipônicas. Lisboa: Sociedade História da Independência de Portugal, 1999.

____ & LACERDA, Teresa. Interculturalidade na Expansão Portuguesa: séculos XV-XVIII. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME), 2007.

GASBARRO, Nicola. Missões: a civilização cristã em ação. In: MONTERO, Paula. Deus na aldeia: Missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Globo, 2006.

GONÇALVES, Ricardo Mário. Considerações sobre o culto de Amida no Japão Medieval (um exemplo de consciência histórica no Budismo japonês). Coleção Revista de História. São Paulo, 1975.

LOUREIRO, Rui Manuel. A visão do outro nos escritos de Luís Fróis, SJ. In: 450 Anos de Relações Luso-Chinesas - 中葡關係四百五十年. Trad. de Júlia Chu Pan. Macau: Instituto Cultural de Macau; Biblioteca Central de Macau; Arquivo Histórico de Macau, 1999. Disponível em: <<http://www.library.gov.mo/macreturn/DATA/PP145/index.htm>> Acesso em: 27-07-2013.

MANSO, Maria de Deus e SOUSA, Lúcio de. Matizes jesuítas: O perfil do clero nativo japonês. In: Perspectivas – Portuguese Journal of Political Science and International Relations, N. ° 10, June 2013. Disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/9722/3/Revista_PERSPECTIVA_%2310_final.pdf> Acesso em: 10-03-2014

MOURA, Carlos Francisco. O Descobrimento do Japão pelos Portugueses 1543. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 1993. p.45-60.

OLIVEIRA, Francisco Manuel de Paula Nogueira Roque de. A construção do conhecimento europeu sobre a China, c. 1500 - c. 1630. Impressos e manuscritos que revelaram o mundo chinês à Europa culta. Tese (Doutorado em Geografia Humana), Departamento de Geografia, Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2003.

PAGDEN, Anthony. La imagen del bárbaro. In: La caída del hombre: El indio americano y los orígenes de la etnología comparativa. Trad. Belén Urrutia Domínguez. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

PINGUET, Maurice. PINGUET, Maurice. A Morte Voluntária no Japão. Trad. de Regina Abujamra Machado. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

SENA, Isabel de. História e antologia da Literatura Portuguesa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. p. 24-27.

